PROJECTO PARA A RECONSTRUÇÃO DA TORRE DE BABEL

MANUEL MARQUES / ANTÓNIO SARAIVA

1. A RECUSA — INTRODUÇÃO

Torna-se necessário organizar um dossier sobre a contracultura, que a cristalize para a imortalidade. A nível da selecção pretende-se a pura imparcialidade e por isso: —Dê-se também a palavra ao objecto! — Ninguém põe em dúvida as boas intenções dos que assumem essa tarefa. Mas... (como tão bem o sabia Kant)... a única coisa que pode ser boa no mundo é realmente uma boa vontade. E a fatalidade inevitável da ignorância não se comove. Veste-se o melhor rosto que se encontra no espelho e vai-se à procura de um jovem contraculto. Cuidado com as aparências! (De quando em vez enganamo-nos) Encontra-se. —Sabes, nós pensamos... — Muita psicologia; é gente perigosa: podem estar a gozar. Explica-se em poucas palavras o método fenomenológico de análise científica. — Olha! É pôr o vosso comportamento e ideias num tubo de ensaio, e abstrair o resto do mundo. Depois... bom! tiveram aulas práticas de química, não tiveram? — A tarefa é delicada; o jovem contraculto não é estúpido (nem tão pouco químico), percebe tudo, perturba-se... vai fazer queixa aos outros.

Não! Definitivamente não! Ainda estamos vivos, nada de investigações arqueológicas. Contracultura é em primeiro lugar uma cultura que se opõe a outra dominante. Impossível isolá-la numa campânula de vidro. Ela revela-se na oposição; na guerra está a sua essência. E aqueles que a querem compreender têm que se envolver nessa guerra; ou não serão as emoções, como a guerra, a principal fonte do nosso saber?

Depois da vitória: a paz. Mas é diferente: já não é contra (cultura). Por agora... por enquanto...

> "De que estavam à espera, quando tiraram a mordaça que tapava a boca dos Negros? Que vos iam entoar louvoures?"
>
> Jean-Paul Sartre

2. A FORMIGA BRANCA NOS ALICERCES DA VANGUARDA

Três crenças teóricas erróneas estão na base de toda a acção gratuita das vanguardas actuais, a saber:

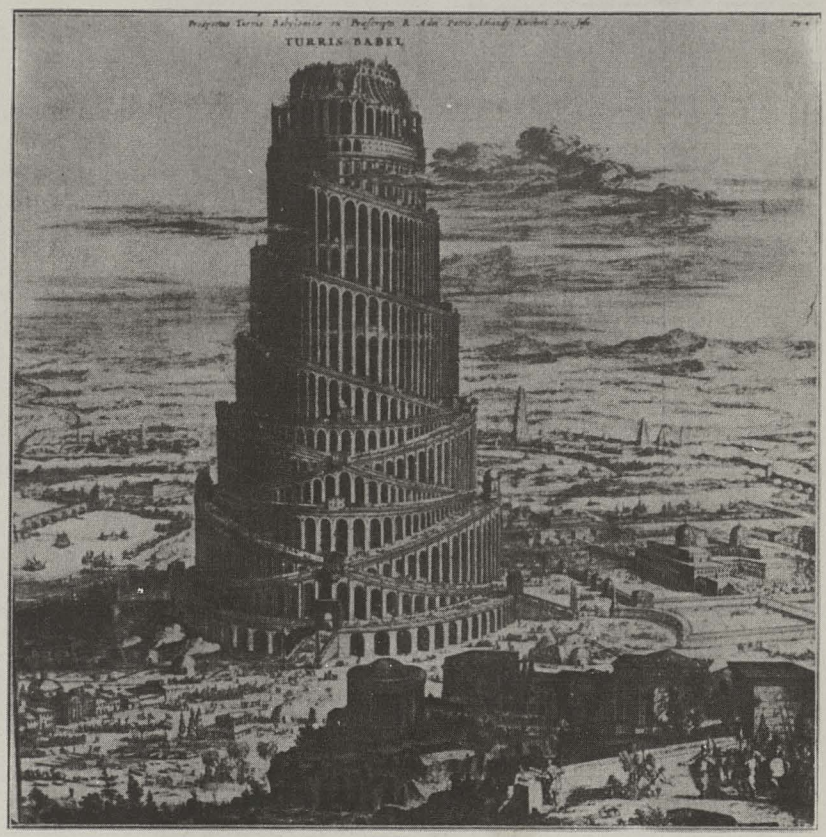
— "A Natureza está escrita em linguagem matemática" (Galileu).

— "Uma 'Obra-d'Arte" deve valer de per si, isto é, independentemente de qualquer contexto e, sobretudo, situação" (Carlos Couto). Em última instância, na perspectiva vanguardista, isto significa que um sema possui valor imanente, ou seja, que a ligação com o exterior lhe é indiferente.

— Não existem limites para o gosto estético humano: é a obra de arte que determina o gosto, e não o contrário.

Destes três erros universais o primeiro, que é de todos eles o mais perigoso para a vida, deu origem, apoiando-se na cibernética, à maior crise do homem: submissão dos seus instintos aos ditames da máquina que ele próprio constrói; o segundo, que é o fundamento mestre da semiologia, aposta na anulação da comunicação através da fragmentação/redução/destruição da palavra, da imagem, do som, julgando que lhe será possível encontrar nas consequentes ruínas uma casa habitável; o terceiro, justificação das vanguardas actuais, é o lugar-comum da comodidade, a retrete onde os artistas de escasso talento passam a vida sentados, porque desta forma se subtraiem aos compromissos naturais da estética: foi ele quem deu origem aos quadrados de Màlevitch, aos ruídos de Jorge Peixinho, aos caligramas de Melo e Castro, etc. Falaremos seguidamente, em pormenor e um por um, destes três erros, tentando despoletá-los pela confrontação com algumas das ideias da contracultura de que somos panegiristas.

Nos últimos séculos, e muito particularmente no nosso, um grande afã tem agitado as ciências, tanto naturais como humanas. O objectivo é o de conquistar na matemática um



instrumento metódico e uma linguagem interpretativa dos conhecimentos obtidos. Pretendem com isto alcançar um maior rigor, uma objectividade sem limites, que facilitará as relações entre os vários saberes, produzindo-se assim nesta convergência uma velocidade de progresso nunca antes sonhada. Perante esta estratégia, a contracultura tem desde já algo a opôr: muito bem!, diz ela, não pomos em dúvida que a matemática simplifique a linguagem, como objectivadora dos conhecimentos; acreditamos que ela seja uma linguagem superior no domínio do rigor, e uma vez que mais do que nenhuma outra é quase inacessível ao erro e à ambiguidade, quando correctamente manipulada; mas o que é a objectividade? Até que ponto nos será ela necessária? Até que ponto será ela verdadeira? Será a Natureza objectiva? Não será toda a matemática, e também daí toda a linguagem que se pretende válida enquanto separada dos objectos que pretende significar, um mundo mais imaginário e inexistente do que qualquer outro? Não será a matemática uma invenção escusada, porque apenas tem sentido dentro de si própria? A nossa resposta é clara: assim como pela cor de um animal não, podemos antever-lhe a forma, também pelas relações numéricas estabelecidas entre o objecto e leis fixas descobertas (inventadas?) não podemos prever nele outras características. Formulando a ideia, diremos que uma propriedade constante e definida de um objecto, não define absolutamente outra propriedade variável. O número, ou quantidade, não é mais do que uma das múltiplas propriedades dos objectos, não tendo nenhuma das outras tradução em linguagem matemática. No processo do conhecimento global do objecto (se ele for possível), a formulação matemática não é mais do que um andaime que terá de ser removido ainda durante a construção, como disse Konrad Lorenz, acerca da hipótese. As diversas capacidades e solicitações dos ojectos, ou seres, acomodam-se a outras tantas funções da Natureza, numa relação perfeitamente aleatória, que não pode portanto ser rigorosamento descrita a priori. Um conhecimento único dos seres é a maior fraude que as ciências tentam impingir ao ser humano. E esta fraude exprime "verdades" intoleráveis: "... o princípio verdadeiramente criador encontra-se na matemática" (Einstein). Há variadíssimos conhecimentos de um ser, sem que nenhum seja mais verdadeiro do que os outros, nem tão pouco incompatíveis. Valores determinados podem nalguns casos encontrar a sua graduação em função de cálculos matemáticos; mas não em todos os casos. Exemplifiquemos: consideramos mais justo um país que calcula a necessidade de hectares de trigo em função do número dos seus habitantes, do que outro que calcula a quantidade que cada um dos seus habitantes deve consumir para escoar todo o trigo que lhe convém semear. Mas por outro lado não consideramos mais injustos os nazis que assassinaram milhões de judeus, do que o Estado federal alemão, que mata de vez em quando meia dúzia de "terroristas", ou de que os "terroristas" que assassimaram Aldo Moro; aqui a matemática perde completamente a sua eficácia.

Pretender-se-á que exponhamos as leis que permitem distinguir quais os casos em que a matemática poderá ser correctamente utilizada. Pois bem: tais leis não existem! O discernimento reside nos nossos instintos e é perfeitamente subjectivo. É por isso que o instinto, ou auto-capacidade de vivência, é constantemente posto em causa e ameaçado de destruição pela sociedade técnica, cujo suporte eficaz é a absoluta igualitarização. Esta igualitarização é o único reino onde a matemática tem absoluta liberdade de expressão/verdade. Dizer "duzentos e quarenta e três" é designar de forma condensada, um por

um, cada um de 243 objectos iguais, e nunca diferentes. Só que tal igualitarização é quimérica, não existe na Natureza. Heráclito já o disse há dois mil e quinhentos anos, mas os cientistas continuam a fazer-lhe orelhas moucas. —Matámos 260 000 japoneses com a bomba, mas, se as taxas de crescimento não se alterarem, dentro de x meses tê-lo-êmos recuperado — assim fala a funcionalíssima, exclusivíssima e rigorosíssima linguagem matemática. Será preciso continuar? Continuemos ainda um pouco.

Os pontos que atrás ficaram dispersos permitem-nos fazer um desenho que nos leve a recuperar novamente o conceito de objectividade. Qual é pois a diferença fundamental entre a perspectiva matemática e a perspectiva contracultural? É uma inversão total: a matemática designa como objectivo aquilo que sendo particular é apreendido de forma constante pelo colectivo dos sujeitos; para a contracultura, a objectividade está presente quando vários indivíduos, com visões diferentes de um objecto que se torna impossível de definir colectivamente, com as suas maneiras muito pessoais de sentir, conseguem comunicar em perfeita compreensão mútua, referindo-se a esse objecto. De certo modo é a reformulação de um velho problema filosófico: dois indivíduos podem concordar que determinada mesa é amarela, o que não quer dizer que ambos vejam a mesma cor aos olhos de um terceiro que, se lhe fosse possível espreitar pelos olhos dos outros, chegaria à conclusão de que o primeiro via a cor azul, e o segundo a cor vermelha, chamando-lhes ambos, no entanto, amarelo. A inversão que referimos anteriormente reside portanto em que a matemática acredita numa apresentação permanente e invariável do objecto, e a contracultura acredita no inverso. Mas, dir-nos-ão os matemáticos, isso não é objectividade, é exactamente subjectividade. Não!, retorquiremos, para nós subjectivo é aquilo acerca do qual se torna impossível a comunicação (a dor e a beleza, por exemplo).

Todas estas questões acerca da matemática nos remetem para uma segunda parte, onde se abordará o conceito de análise, operação cirúrgica pela qual a ideologia técnica tudo tenta reduzir à expressão matemática, por vezes em seu próprio desproveito, como tentaremos demonstrar.

A terminar esta parte, apenas a revelação de uma evidência: se a Natureza estivesse escrita em linguagem matemática, a missão do homem já estaria cumprida. E também daí a sua razão de ser.

"Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sózinhos:
As coisas não têm significado: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas."

Alberto Caeiro

Comentemos pois a análise como processo de conhecimento. Porém, para encurtarmos o caminho da nossa crítica, que pretendemos que atinja as vanguardas actuais, façamo-lo em torno da ciência semiológica. Alguns breves comentários de carácter mais geral serão fácilmente incluídos no texto.

Que é então a semiologia? Não seremos nós as pessoas indicadas para definirmos as características que hoje lhe conferem o estatuto de ciência: a nossa maneira silenciosa e interior de compreender os fenómenos nos seus princípios, quase nos torna incapazes de comunicar essa compreesão. Mas numa coisa somos razoavelmente destros: profetizar os fins ou as consequências das tomadas de posição das diversas ideologias. E quando a ideologia técnica dá o braço a uma ciência ainda, poderemos dizê-lo, balbuciante, como o é a semiologia, o nosso instinto de perigo alerta-se e sobre ela se volve a nossa perspicácia guerreira. Depressa nos começamos a aperceber da estratégia semiológica: condensar um máximo de comunicação num mínimo de informação; fazer com a linguagem o mesmo que se fez com o som, pela invenção dos circuitos integrados, ou com a luz, pela utilização de filamentos de elevadíssima resistência calorífica. Em última instância, um ideal: reduzir todo o trabalho literário, pictórico ou musical, a um cartão de computador. Ao perceber este modo pessimista de nos referirmos a ela, a semiologia pergunta-nos: — E que tem esse ideal de repreensível? — Dominemos a nossa fúria e tentemos explicar-lhe.

A melhor gravação sonora está longe de representar a sonoridade acústica ao vivo de um instrumento musical não-electrónico. A melhor lâmpada de infra-vermelhos não irradia luz solar. Falta-lhes a energia vital, a força ca-

paz de produzir emoção, perturbações fisiológicas e psíquicas, nos sujeitos que apreendem. É a nossa experiência que nos ensina isto. E daqueles que não conseguem chegar a esta conclusão, só poderemos dizer que a sua animalidade já foi extinta. Quando tal acontece, mas subsiste uma capacidade de calcular e de comunicar por processos limitados e definidos, o sujeito já não vive: funciona; na perspectiva técnica pode ser designado de computador humano. Ora, assim como a luz do sol (que não precisamos de inventar) e como o som da flauta (que inventamos em nosso benefício), também a linguagem fonética, na sua expressão oral ou escrita, tem a propriedade, devido à sua estrutura extremamente plástica, de nos penetrar, de produzir em nós alterações.

Que acontece então quando se pretende reduzir a simbologia linguística a um mínimo de sinais/choque, plenos de sentido, absolutamente "objectivos", mas despidos da energia vital, amorfos, insensibilizadores? É com um esqueleto que ficamos nas mãos: podemos apalpar-lhe os ossos e distinguir-lhes os nomes e as funções; mas quais as funções? Aquelas que eles, certamente, já não possuem. Mas começamos a errar por entre vegetação perigosa. Retomemos o nosso caminho.

De um processo teve a semiologia, ou anteriormente as ciências de topo, de se socorrer para que lhe fosse possível tudo "objectivar": a análise. Pela dissecação dos objectos e das ideias, descobriram-se as redundâncias dos actos, os fragmentos pretensamente contingentes ou supérfluos, as habilidades imprestáveis, etc. E tudo isso se deitou pela borda fora, como se fosse peso morto, incomodativo, e portanto indesejável. E que aconteceu com este varrer de tudo aquilo de que não se compreendia a necessidade: em primeiro lugar a matemática; como efeito de ressonância, uma incompreensão radical do todo, da estrutura móvel do mundo; e como radiação, a morte do gosto pela vida, a mecanização pela consciência errónea de se ser exclusivamente uma peça mecânica.

A comunicação oral, o texto científico ou a poesia, e mais tarde todo o resto das artes, assassinaram os seus próprios atractivos, como se fossem floreados de algum modo fraudulentos. Compreender tornou-se então um esforço árduo, um dever, em vez de ser algo agradável, um direito.

Perante a aridez da comunicação pretendeu-se ir mais fundo, buscar petróleo no deserto, reencontrar um mistério na simbologia. Em vão: tudo estava já morto. Sedentos, os terríveis vampiros da semiologia, voltam-se agora para tudo o que ainda exibe um aceno de vida. E chupam-lhe o sangue, devoram-no, deixando no seu lugar um monumento "semântico". Não fosse a nossa serenidade de espírito, a nossa coragem altiva, e a semiologia seria o fantasma dos nossos pesadelos, o nosso filme de terror. E que planos terríveis alimentará a semiologia contra a contracultura?

Não nos alongaremos aqui a criticar o conceito e o método de análise. Preferimos antes remeter-vos para Sartre e a sua obra "Critique de la raison dialectique" (Gallimard, Paris, 1960), onde a ineficácia deste processo enquanto método para o conhecimento total e o seu campo limitadíssimo de acção, são lucidamente abordados. No entanto, não queremos privar-vos de um exemplo que nos é caro, para mostrar como a análise pode por vezes resultar em contradição com a própria ideologia que a utiliza. Trata-se do famoso paradoxo de Zenão. Admite-se a corrida entre uma lebre e uma tartaruga, em que esta parte com algum avanço. Fragmentando o percurso e fixando, em função uma da outra, ambas as posições em cada momento, conclui-se que a lebre nunca alcançará a tartaruga, cabendo a vitória a esta última. Mas se rejeitarmos esta visão fragmentária, analítica, e tivermos um panorama global

do fenómeno, a conclusão será adversa e conforme a Natureza.

Resta colocar a semiologia no seu lugar, entre as diversas estratégias ideológicas/científicas. Dela diremos que se inclui numa mais vasta ciência, anastrofologia (destruição), como prática de destruição da comunicação, a par de outras, como por exemplo a física moderna, enquanto prática de destruição da matéria.

> "Que esfinge de cimento e alumínio lhes rebentou os crânios e lhes devorou os cérebros e a imaginação?"
>
> Allen Ginsberg

Estando o conceito de indivíduo reduzido a uma equação de quantidade, pelo primeiro erro que apontamos, e a relação entre os indivíduos radicalmente materializada e resumida ao indispensável em circuitos de cálculo, pelo segundo erro, faltava apenas às artes, último reduto da imaginação e do apego à vida, dar o passo fatal para o abismo tecnocrático. E deram-no aquelas que hoje se autodenominam "vanguardas". Partindo do conhecimento da retificação da energia eléctrica pelos diodos, e da sua inversão pelos circuitos integrados; apoiando-se ainda no pressuposto de que toda a matéria é luz condensada, luz enquanto energia cinética e potencial; tendo assimilado o processo de desencadeamento da programação — informação em computadores, as vanguardas aceitaram o papel de operadores informáticos do ser humano. E, infelizmente, parece que levarão avante a sua tarefa.

Toda a razão de ser da arte nos tempos passados, o seu papel de exaltadora da vida, o seu duplo carácter dionisíaco e apolíneo (como disse Nietzsche), a sua insuperável capacidade para traduzir sentimentos de êxtase, conforto, indiferença, angústia, dor, tudo isso é renegado e cuspido como algo que ameaçasse turvar o "brilho técnico" da ideologia dominante contemporânea. A arte, essa pretensa "arte", transforma-se em carcereiro dos gritos e estertores das últimas forças vitais, do último sentimento de angústia pelo abandonar dessas forças. E os seus detentores ameaçam a cristalização da forma/modelo, a sua ditadura: "... transformar a obra de arte num acelerador do tempo e num condensador da experiência humana transmissível, ou seja, propositiva de valores funcionais modelares da vida..." (Melo e Castro). Como estádio supremo do processo, a remoção de todo o factor biológico, em favor do factor de energia ondulatória. Em suma: uma transfusão de sangue por água.

"Gosto" torna-se então palavra herege. Na perspectiva vanguardista não há gostar e não gostar; há descodificar ou não descodificar, no caso de o código não ter sido previamente programado.

Quando estas práticas, ou antes: estas formas de encarar e reagir com o mundo, forem universalizadas, todo o sentido da Natureza terá sido extinto, e em seu lugar um novo mundo, totalmente diverso do primeiro, estabelecerá os seus templos à inércia, à pura compreensão formal dos conhecimentos, à intervenção exclusivamente premeditada, enfim: à negação da vida.

A esse contra-Universo, aspiram e suspiram as vanguardas.

3. ALEGORIA DO FILHO PRÓDIGO

A vanguarda reinvidica um compromisso de luta contra os modelos estéticos, (e daí concluem: sociais), em vigência na sociedade actual. Como tal são levados a exprimirem-se com uma certa extravagância, (por exemplo "Ruptura" e "Poema" d'entro" de Ana Hatherly que aterrorizaram muitos dos nossos anónimos desenhadores que contam uma a uma as coroas que necessitam para o seu papel de ensino), atingindo assim uma arte em moldes inéditos, mas que de modo nenhum poderemos considerar "terrorismo", já que toda a sua produção estética é apresentada aos seus respectivos consumidores através dos redutos normais, capitalistas ou não, do mesmo modo que qualquer outra quer a denominemos académica ou d'avant gard. Uma prova deveras evidente é a integração nos "oficiais" orgãos de comunicação nomeadamente, e sobretudo, na televisão portuguesa através do "Obrigatório não vêr". Este titulo, (auto-flagelatório), ao invés de acusar um confronto aberto e uma recusa total, denuncia isso sim, um ligeiro sentimento de culpa e uma lógica semelhante à dos anúncios da "Macieira" onde se apresenta o lado terrível (a modos de se desculpando e auto-excluíndo) do produto que afinal se deseja ver consumido, e como se ele possuísse um lado "bom". A um psicopata, amante fanático da violência, não se lhe põe uma arma na mão, e o programa na RTP, o subsídio da SEC e da Fundação Calouste Gulbenkian à "Alternativa Zero", servem para nos mostrar a atitude paternalista e condescendente da cultura dominante em relação à vanguarda e a impotência desta em face daquela. A vanguarda descobre que a arma que tem nas mãos dispara pela culatra e tal como o cão que não pode renunciar ao seu dono, (nem mordê-lo sequer!), a vanguarda vai assimilando o discurso dominante, burguês, iluminado.

Não há alguma alteração profunda na relação artista/apreciador que nos seja visível, nem tão pouco na relação obra-de-arte/artista. Admitimos existir um certo experimentalismo quanto a essa arte, (experimentalismo esse por vezes feliz, outras funesto), mas aí, e como já dissemos, vamos encontrar a vanguarda aproveitando-se da algebra, essa redução de tudo quanto é belo na Natureza a uma mera estatística (basta ver uma árvore para se terem visto todas as outras), as ciências sociais, enfim: a ciência que nos explica as alterações bioquímicas por que teremos que passar para atingir o orgasmo, a mi(s)tíca ciência que nos explica que o prazer nada mais é que uma descarga eléctrica, a mesma que hoje substitui Deus na manipulação, no domínio. Reduzir a comunicação ao algarismo, ao sema, ao signo, ao impacto de um semáforo (que consente ou proíbe), eis o assasinato do nosso gesto, do nosso grito, acima de tudo poético. As vanguardas possuem assim o método mais fácil e rápido de comunicar, mas desse acto excluiram tudo quanto é belo aos olhos de um animal. O filho pródigo esbania infantilmente a sua herança, e pobre, desconsolado, volta à casa paterna, onde um Apolo severo o recebe de braços abertos. ●